

Programa de Formação Permanente

2016 Revitalização y discernimento

2. Revitalização pessoal e comunitária
à luz das confissões
de santo agostinho



REVITALIZAÇÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA À LUZ DAS CONFISSÕES DE SANTO AGOSTINHO

0. INTRODUÇÃO

Ao começar esta reflexão, *quisera partir das seguintes perguntas*: A perspectiva agostiniana da inquietude do coração ajuda-nos a viver num processo de amadurecimento, de revitalização? Que diferencial nos traz a volta às fontes agostinianas no caminho da plenitude de vida?

Ao considerar o processo de revitalização pessoal e comunitária, *não parto de outra óptica que não seja a da realidade da fé, uma fé pensada e, acrescentaríamos, encarnada*, que ilumina todas as dimensões da existência humana e todo o nosso caminho para o céu. Pois a questão principal na óptica agostiniana no seria tanto que nos perguntássemos “como vivemos”, mas sim “em que cremos”. Não vimos à vida religiosa para viver melhor, mas sim de outra maneira; então, certamente, esta vida será a melhor.

Essa é a fé que, nutrida à luz da Palavra de Deus, transforma nosso coração. A Palavra de Deus sacia toda fome e toda sede, dela bebe continuamente Santo Agostinho, como de manancial de vida sã e renovada. É como ele o entendeu, e não de outra maneira. O “crer para entender” do profeta fora bem interiorizado por nosso Pai: “Crê para que entendas e entende para que creias”. A fé é fonte de conhecimento, caminho de “tolerância, equilíbrio e sinceridade”, fonte de saúde

para quem crê. A Palavra de Deus é o caminho certo para crer e buscar a Deus. Afirma-o Santo Agostinho em suas *Confissões*:

Eu já principiava a crer que não concederias tanta autoridade por toda a terra a estes Livros Sagrados se não tivesses querido que se acreditasse em ti e se buscasse a ti através deles (*conf.* 6, 5, 8).

Santo Agostinho anima-nos a caminhar nessa direção, deixando que sejam iluminados por Deus, que é luz providente, nossa mente e nosso coração. Ele pode arrancar-nos dos erros de nossos caminhos e dar-nos a Vida verdadeira e “a sabedoria que nunca se contenta com o insuficiente”:

De fato, quem pode arrancar-nos da morte do erro, senão a Vida que não conhece morte, a Sabedoria que ilumina as inteligências carentes, sem precisar de luz alguma, e que governa todo o mundo, até as folhas agitadas pelo vento? Por isso, tu, somente tu, venceste (*conf.* 7, 6, 8).

Nossa vida é um caminho a percorrer, em processo e em comunidade. Só quando cremos, avançamos. Somos peregrinos, chamados a percorrer fielmente o caminho, com a esperança posta sempre nos bens imperecíveis do céu. Assim, não ficaremos cansados de caminhar, e poderemos chegar à meta:

Enquanto estivermos neste mundo, se procurarmos ter o coração no alto, não nos prejudicará o fato de caminhar aqui (*s.* 359 A, 1).

“O Sol que nasce do alto” ilumina tudo. O homem anseia essa luz para não caminhar em trevas, para poder ver. Nesse encontro (encarnação-redenção-libertação-salvação), forja-se o homem novo. Enxertado pelo Batismo nesse dinamismo renovador, o homem aspira aos bens imperecíveis, à revitalização permanente e à plenificação da vida com a graça de Deus numa “inquietação” incessante: “Ó Deus, tu me conheces, faze que eu te conheça, como sou por ti conhecido. Ó Virtude de minha alma, penetra na minha alma, faze que ela seja semelhante a ti, para que a possuas sem mancha nem ruga” (*conf.* 10, 1, 1). Tudo é dom de Deus: “O que tens que não tenhas recebido?” (1Cor 4, 7), dirá o Apóstolo. Santo Agostinho vive plenamente essa realidade:

Graças a ti, ó minha doçura, minha glória, minha confiança, meu Deus, pelos dons que me deste. Conserva-os, pois. E assim me conservarás. Então crescerá e se aperfeiçoará tudo o que me deste. E eu mesmo viverei contigo, porque foste tu que me deste a possibilidade de existir (*conf.* 1, 20, 31).

Para todos, só há uma vida que vale a pena viver. A realidade da vida sempre está unida à realidade da fé e vice-versa. Não há, para Santo Agostinho, uma verdade religiosa e outra científica. A inteligência da fé há de ser inteligência da realidade. O Papa Francisco esclarece-nos bem essa perspectiva na Encíclica *Lumen Fidei*: a fé pode iluminar “todo o percurso da estrada” (n. 1), “toda a existência do homem” (n. 4). Ela “não nos separa da realidade; antes nos permite individuar o seu significado mais profundo, descobrir quanto Deus ama este mundo e o orienta sem cessar para Si” (n. 18).

Postas as coisas dessa maneira, evitaremos mover-nos no radical dualismo que é causa de veleidades e de esforços renovadores frustrantes. Não podemos deixar de olhar a realidade de nossa vida com os olhos de Deus, com os olhos da fé. Se aprofundarmos no que somos e temos, descobriremos a presença viva de Deus, que sempre nos acompanha. A vida de Deus fez-se vida do homem para que também nós a vivamos: cada um em seu processo, mas todos pelo mesmo caminho.

Para iluminar esse processo de inquietude permanente do coração, necessitamos de uma pedagogia que nos ajude a viver o Mistério encarnado. Uma pedagogia de “cima para baixo” (clareza da meta em direção à qual tenho de caminhar, impregnação da realidade salvífica e misericordiosa de Deus em meu ser cristão e consagrado, contemplação da Verdade com seu sacramento) e de “baixo para cima” (atitudes que me ajudem a apropriar-me dos valores evangélicos e carismáticos de meu ser agostiniano recoleto).

A *Verdade* que nos mantém, da qual participamos, que buscamos incansavelmente; a *inquietude*, como “força dinamizadora” de nossa vida, sempre que bem orientada; a *interioridade*, que nos faz situar nossa vida, sem viver na dispersão, mas sim na unificação; o *amor*, como elevação e contemplação ativa de Deus que nos “amou até o fim” (Jo 13, 1); o *descanso*, como meta e aspiração do nosso peregrinar por esta vida...

Santo Agostinho, como bom pedagogo, instrui-nos no caminho da busca da Verdade, e convida-nos a buscá-la sem qualquer desalento. Peregrinamos na busca do Deus perfeito, nós, que ainda não vivemos na plenitude. Tenhamos em conta, ao longo do caminho, estas três coisas: por quem somos guiados, de que Verdade bebemos e por que vínculos nos unimos à suma Medida:

Ele é o Deus perfeito, sem nenhuma imperfeição a diminuí-l’O. Pois n’Ele se encontra toda a perfeição, completa, íntegra, visto que Ele é, ao mesmo tempo, o Deus todo-poderoso. Entretanto, enquanto estivermos em Sua busca, somos forçados a reconhecer que ainda não nos saciamos da água dessa fonte. (...) Não presumamos, assim, haver alcançado a nossa Medida. Porque, também se certos da ajuda de Deus, ainda não atingimos a Sabedoria, nem, por conseguinte, a felicidade. Pois a perfeita saciedade das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente por quem és guiado até à Verdade, de qual Verdade gozas e por qual vínculo estás unido à suma Medida. Nesses três elementos, aqueles que possuem o conhecimento e repelem as ilusões de várias superstições, reconhecem um só Deus e uma só Substância (*beata u. 4, 35*).

Atevemo-nos a aventurar esta reflexão, a saber, viver em perspectiva de revitalização pessoal e comunitária, isto é, de “inquietude do coração”, far-nos-á descobrir que nossa vida vocacional está enxertada, eternizada, no dinamismo redentor de Cristo, que age, liberta e plenifica nossa existência em cada idade que vivemos. Nossa realidade vital é mais substancial e feliz quando deixamos que Deus aja, quando Deus está mais presente em nós.

Por isso, *afirmamos com convicção* que as idades do homem, as etapas de nossa vida espiritual, são inclusivas e totalizantes. Cada uma nos deve levar a viver com intensidade a outra, sabendo que, em cada idade, vivemos a realidade última do que somos: filhos de Deus e também homens em processo de crescimento e amadurecimento. Cada idade que vivemos deve estar atravessada por essa abertura de coração, por essa “inquietude” interior que nos possibilite estar sempre a aprender, e de todo o mundo. Significa deixar-nos conduzir por Deus, Mestre interior, que começou em nós Sua obra e quer levá-la a feliz termo.

Anelamos, portanto, por um encontro transformante com a graça de Deus. O plano de Deus se nos brinda, a ação de Jesus nos renova e orienta com a força do Espírito Santo, rumo à unificação e à plenificação da obra começada em nós. A experiência de Agostinho nos confirma que tudo o que Deus toca, transforma. Nossas aspirações, desejos, inquietudes, experiências... são, no fundo, resposta visível, em nossa vida, ao anelo invisível de Deus no coração. Como diz certo autor ao comentar o famoso aforismo de *conf. 1, 1, 1*:

Agostinho aspirava unicamente a conhecer a Deus e a sua própria alma, nada mais. Mas, finalmente, a totalidade do conhecimento faz parte dessas aspirações, porque todos os nossos conhecimentos e amores, dos mais baixos aos mais altos, são aspectos da única tendência do inquieto coração, que só pode descansar no conhecimento amoroso de Deus.



Viver em perspectiva de revitalização pessoal e comunitária, isto é, de “inquietude do coração”, far-nos-á descobrir que nossa vida vocacional está enxertada, eternizada, no dinamismo redentor de Cristo.

I. DEUS MISERICORDIOSO E MISÉRIA HUMANA

A realidade salvífica e libertadora de Deus, mostrada por Sua misericórdia, faz Agostinho descobrir uma vida nova, revitalizada e sanada. A misericórdia de Deus é a interlocutora nesse diálogo de louvor e confissão. Acolher a misericórdia de Deus hoje em nossas vidas supõe viver nessa pedagogia de “cima para baixo”, na qual tudo é gratuidade e dom recebido de Deus. Assim sendo, contemplar a misericórdia de Deus e agradecer-lhe são atitudes que, por outro lado, iluminarão para nós um novo caminho pelo qual podemos voltar à casa do Pai, onde está nosso centro vital e renovador, como Agostinho bem entendeu: “Porque se eu não permanecer n’Ele, tampouco poderei permanecer em mim. ‘Ele, imutável em Si mesmo, renova todas as coisas (Sb 7,27)’” (*conf.* 7, 11, 17).

Precisamos descobrir esse “lugar” interior em que Deus renova todas as coisas, em que o temor se converte em amor, a exigência em gesto agradecido, a escravidão em experiência de libertação; onde o que é pequeno se faz caminho de fidelidade (o desafio de descobrir a ‘riqueza do oculto no ordinário), onde se reconhece o pecado, porque a Misericórdia o venceu. Em palavras de Henri Nouwen, o desafio da vida espiritual (e de nossa vida revitalizada, acrescento eu), é fazer a nossa morada lá onde Deus instalou a d’Ele. E onde é que fica esse lugar? Seguramente, Santo Agostinho pode ajudar-nos a localizá-lo. Releiamos de maneira resumida as suas *Confissões*, em perspectiva de misericórdia.

1. Da misericórdia de Deus ele obteve consolo e confiança. Nela, sempre pôs sua esperança: “Eu tremia de medo e, ao mesmo tempo, ardia de esperança e alegria por tua misericórdia, ó Pai!” (*conf.* 9, 4, 9).
2. Apesar das infidelidades e iniquidades do homem, a misericórdia de Deus sempre se revela próxima e fiel. O pecado não é proporcional à misericórdia de Deus; esta é superabundante, dotada de maior grandiosidade e maestria: “Tua fiel misericórdia pairava de longe sobre mim” (*conf.* 3, 3, 5).
3. A misericórdia agiu em Agostinho antes que ele confessasse a Deus, interveio desde o momento de sua concepção. Ela o tirou de seus maus caminhos. Uma vez experimentada, não pode deixar de ser confessada, proclamada e louvada: “...nem esmoreça em confessar os atos de misericórdia que me arrancaram de péssimos caminhos...” (*conf.* 1, 15, 24).
4. A misericórdia de Deus foi mostrada como caminho de humildade na encarnação do Verbo. A atitude adequada para pedir misericórdia é a humildade. Quando alguém se sabe pecador, invoca a compaixão de Deus conforme a “Sua grande misericórdia”. Tem de querer ser sanado, deve pedi-la para não mais pecar, para que a obra de Deus começada em

nós seja por Ele mesmo levada a bom termo. Citando o salmo 40, dirá Santo Agostinho: “Tem compaixão de mim, Senhor: cura-me, porque contra ti pequei” (*conf.* 4, 3, 4).

5. Mônica espera que a misericórdia de Deus transforme o coração de Patrício. Quando da morte de Mônica, a primeira reação de Evódio foi tomar o saltério e cantar o salmo 100: “Quero cantar a ti, Senhor, tua justiça e tua misericórdia” (*conf.* 9, 12, 31). Por três vezes, nas *Confissões*, Agostinho invoca a Deus como “fonte de toda misericórdia” (*conf.* 4, 4, 7; 6, 1, 1; 6, 16, 26).
6. Deus é misericórdia, que proporciona o alimento cristão para a infância e para as demais idades, reestrutura interiormente a desordem do amor e guia com mão providente pela adolescência.
7. O reconhecimento da própria miséria leva Agostinho a experimentar mais de perto a misericórdia de Deus. Ela o faz descobrir o rastro de Deus impresso em sua memória e serve de guia e de mestra para que encontre no Senhor aquela “alegria que não ofende” (*conf.* 2, 2, 4).
8. A misericórdia de Deus perdoo e desfaz os pecados da vida passada, levando a evitar o cometimento de outros. Com ela, muitos outros dons nos vêm, impedindo-nos de fiar-nos tão somente em nossas forças. Provoca necessariamente uma resposta (“Deus faz-Se devedor”) naquele que a acolhe.
9. A misericórdia de Deus se traduz em “vida que não conhece morte” e em “sabedoria que ilumina” (*conf.* 7, 6, 8). Deus é “Pai de órfãos” e “protetor de viúvas” (Sl 67, 5-7), e à misericórdia d’Ele se há de confessar tudo quanto sente e padece o coração:

Essas verdades estavam firmes e bem arraigadas no meu espírito; eu, porém, estava ansioso para conhecer a origem do mal. Que sofrimento para o meu coração! Estava como em dores de parto! Que gemidos, meu Deus! No entanto, estavam aí os teus ouvidos, e eu não sabia. Quando calado me esforçava na procura, os silenciosos espasmos do meu espírito eram como que altos brados que se elevavam para invocar tua misericórdia (*conf.* 7, 7, 11).

10. O poder da misericórdia de Deus é suficiente para viver a nova vida n’Ele. É necessário, contudo, pedi-la para poder responder com garantias à missão que Deus nos encomenda, segundo o critério de Sua vontade: “Toda a minha esperança baseia-se na grandeza da tua misericórdia. Concede-me o que me ordenas, e ordena o que quiseres” (*conf.* 10, 29, 40).

Observamos, neste percurso pelas *Confissões* de Agostinho, que a distância entre Deus e o homem é grande: “E quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação” (*conf.* 1, 1, 1), “Deus é Santo, o homem pecador”, “Deus é perfeito, o homem imperfeito”, “Deus é misericórdia, o homem miséria”. Deus, porém, é

próximo do homem, porque sempre o busca. O Deus das *Confissões* é o *Deus quaerens* (o Deus que busca): “Sempre buscando (*quaerens*), ainda que nada te falte” (*conf.* 1, 4, 4). Deus encarnou-Se em nossa natureza humana, para tornar-nos divinos (cf. s. 192, 1). Não é menor a meta a que Deus nos quer levar.

A misericórdia de Deus é oferecida à miséria do homem. Só nela encontra o homem a libertação e a vida. A graça de Deus por meio de Jesus Cristo sana, purifica e chama o homem. Quando Jesus está no centro de nossa vida, a pergunta sempre se inverte para interpelar-nos a nós mesmos e convocar-nos em liberdade. Ele sempre toma a iniciativa. Assim sucedeu aos discípulos de João Batista (cf. Jo 1, 35-42):

“*Que procurais?*”... Eles passam, de indagadores que eram, a indagados, de “buscadores” a “encontrados”. Perguntam a Jesus com ânimo de continuar a crescer: *Mestre, onde moras? Vinde e vede*. O caminho da fé passa por este itinerário: “foram” (não há capacidade de renovação se não há saída), “viram onde morava” (olhar para além de nossa realidade, onde está a realidade do Outro, é descobrir-nos olhados...) e “permaneceram” (esse é o lugar em que Deus nos espera, onde somos recompensados, onde somos capturados por dentro, onde nossa vida é plena...). E nunca se pode esquecer o encontro fundante com Jesus: “*Era pelas quatro horas da tarde*”.

Se antes falávamos do “lugar” aonde havemos de chegar para sermos renovados e revitalizados, agora, tomados pela mão de Agostinho, podemos dizer que se trata do mais íntimo do coração, lá onde está o Mestre interior: “Se, pois, a maioria dos homens é tal como são seus amores, nada mais há de ser uma preocupação quanto à forma de viver, a não ser a escolha do que há de ser amado” (s. 96, 1). Lá se vive de interioridade “em referência a” Outro e a outros; lá se é o que se é, diante de Deus e dos demais (a verdade de cada um); onde a inquietude é força dinamizadora; onde o desejo se converte em bem imperecível; onde o descanso é sinal de paz duradoura porque o louvor a Deus é contínuo.

Jesus no-lo dizia assim: “Teu Pai, que vê no segredo, te recompensará” (Mt 6, 1-6.16-18). Essa recompensa consiste: na experiência de sermos atraídos, na oportunidade de um começo absoluto, no descanso de sermos nós mesmos, na experiência do transbordamento, na chegada ao lugar prometido. Dando mais um passo para o alto, a oração nos fará descobrir o ‘lugar’ do Filho que vive voltado para o Pai, à espera do envio do Espírito.

Estamos no Ano da misericórdia, e quis reler as *Confissões* nesta perspectiva do Deus misericordioso como fonte de esperança. Só a partir dessa esperança é que podemos reler também o nosso passado com os olhos misericordiosos de Deus, para curar nossas feridas, deixar que Deus revitalize nossa vida e a faça nova, dizendo com o salmista em todos os acontecimentos e experiências vividas: “Dai graças ao Senhor porque Ele é bom, eterna é a Sua misericórdia” (Sl 117, 1). Esse caminho nos fará descobrir o chamado urgente de Deus a sermos, hoje e sempre, administradores de misericórdia.

A misericórdia de Deus derrama-se qual orvalho matinal por todas as ações e palavras de Jesus. Só se dá o que se tem. Será este um bom momento para reler e contemplar a misericórdia de Deus para comigo nestas ou noutras passagens bíblicas, especialmente nas três parábolas da misericórdia, do evangelista Lucas:

1. A ovelha perdida (cf. Lc 15, 1-7): o verdadeiro pastor sente maior apreço pela ovelha perdida.
2. A dracma perdida (cf. Lc 15, 8-10): para Deus, o drama é o extravio de um pecador. Há muita alegria por um só pecador que se converta.
3. O filho pródigo ou o Pai misericordioso (cf. Lc 15, 11-32): o pai só vê a volta do filho, ao passo que o filho mais velho não compartilha aquela alegria, ao sentir-se lesado nos direitos que crê ter adquirido.

II. O HOMEM “INCANSÁVEL” NA BUSCA DE DEUS E NO ENCONTRO COM OS IRMÃOS

Santo Agostinho era um homem animado por um desejo incansável de encontrar a verdade, de encontrar o que é a vida, de saber como viver, de conhecer o homem. E precisamente devido à sua paixão pelo homem necessariamente procurou Deus, porque só na luz de Deus também a grandeza do homem, a beleza da aventura de ser homem, pode sobressair plenamente¹.

Essas palavras do Papa Bento XVI mostram a trama dialógica das *Confissões*. Santo Agostinho deseja conhecer-se interiormente “em relação a”, analisando as experiências mais profundas de sua vida, o que mais tocou seu coração, para chegar a conhecer mais a Deus, fonte do descanso, da “quietude”, e meta da perfeição. Assim é o coração do homem: procura Deus incansavelmente, embora nem sempre seja consciente disso, porque Deus o fez para Si.

O homem, para Agostinho e para todos os Padres da Igreja, é imagem de Deus (cf. Gn 1, 26). Ele estuda o homem a partir de sua própria experiência. Transcreve seu processo de conversão para referir-se à nossa própria vida. Existe uma inovadora concepção antropológica na história de Agostinho. Mostra-nos, em suas *Confissões*, a necessidade de percorrermos a distância entre a “consciência psicológica” e a “consciência ontológica”, para vivermos na plena realidade de nossa fé cristã. Só a partir daí poderemos confessar os louvores de Deus e reconhecer Sua obra misericordiosa em nós. Nello Cipriani compila alguns testemunhos que nos ajudam a focalizar bem a mencionada concepção antropológica. Segundo ele, Pierre Hadot, especialista na filosofia da tardia antiguidade, incorpora o pensamento de E. Benz, que afirma o seguinte:

Com Santo Agostinho, um homem novo faz sua aparição na história da consciência. Essa revolução antropológica une-se a um novo conceito de pessoa, criado pela reflexão

¹ Bento XVI, *Discurso na Universidade de Pavia*, 2007.

agostiniana sobre o mistério trinitário. Ao conceber a Trindade como vida interior do Espírito absoluto que se ama e se conhece, Agostinho descobre na pessoa humana a imagem da Trindade, a unidade de um espírito que permanece idêntico em sua totalidade, nas três relações do ser, do amar e do conhecer. “Eu sou, eu me conheço, eu me amo”; o eu faz sua entrada na história da consciência, a relação religiosa toma a forma de um diálogo entre o Tu e o Eu. Nos treze livros das *Confissões*, toma forma, pela primeira vez, essa nova concepção de homem. Em Agostinho, a consciência do fato de que a vida espiritual do indivíduo é absolutamente única, que sua própria história não tem lugar senão uma vez só, é tão forte, e a identidade entre a história de sua piedade e a história de seu espírito é tão profunda, que pode atrever-se a apresentar a história de sua própria evolução como uma “confissão”, um louvor a Deus.

Todavia, para Nello Cipriani, outros autores captam melhor a riqueza e a complexidade da novidade antropológica introduzida por Santo Agostinho. É o caso de Ramón Sala González:

O pensamento agostiniano sobre a Trindade sugere indicações para iluminar o mistério do ser humano em sua condição relacional. A pessoa é constitutivamente relação com Deus, com o mundo que a rodeia, consigo mesma e com seus semelhantes².

Na mesma linha, Giorgio Benelli comenta a complexidade da intencionalidade da consciência agostiniana, explicando que:

é abertura de si que, ao mesmo tempo, leva a voltar-se para si mesmo, ou seja, a estar consigo e a voltar a si mesmo; mas faz voltar-se também para o outro, distinto de si mesmo, ou seja, abrir-se ao mundo; para o que está acima de si mesmo, a tender para Deus; e para o que está abaixo de si mesmo, a escutar o nada que o estreita. Uma intencionalidade, portanto, que, evidenciando as direções para as quais se projeta, poderemos respectivamente chamar de antropocêntrica, mundocêntrica, teocêntrica e, para usar uma expressão derivada de alguma forma do vocabulário de Sergio Givone, meontocêntrica: quatro direções em si mesmas diferentes e capazes de existir também em momentos separados e não coincidentes, e dotadas, por conseguinte, de características conscienciais diversas e de exigências filosóficas igualmente diversas.

Consideradas essas contribuições, não podemos negar que a experiência de Santo Agostinho e sua concepção antropológica introduzem-nos plenamente no mais profundo de nosso “ser de Deus” e de nosso “ser para os demais”: “Disse muito bem quem definiu o amigo como metade da própria alma’. Eu tinha de fato a sensação de que as nossas duas almas fossem uma em dois corpos” (*conf.* 4, 6, 11).

Trata-se, porém, de ‘ser para Deus’ e ‘para os demais’ em liberdade. A liberdade é o que nos garante uma relação responsável e madura (revitalizada), sem truques e atalhos. É o que anela nosso coração, apesar de nossas escravidões: “Eu queria fazer o mesmo, mas era impedido por minha própria vontade férrea” (*conf.* 8, 5, 10). O verdadeiro caminho para a liberdade passa ineludivelmente por uma mudança redentora no coração, pelo restabelecimento ordenado de nosso querer. Nisto consiste a verdadeira conversão, tal como a experimentou Santo Agostinho: “Isso aconteceu no momento em que eu não queria mais aquilo que antes desejava, e queria aquilo que tu querias” (*conf.* 9, 1, 1).

² <http://www.oalagustinos.org/pdf/BLOQUE1.pdf>.

É um bom momento para nos perguntarmos: como posso viver hoje essa relacionalidade em meio a nosso mundo, em que abundam as comunicações “para fora” e escasseiam as relações “a partir de dentro”. A partir de onde eu me relaciono com os demais? É evidente que, se não houver liberdade interior, haverá então maior dependência de circunstâncias, condicionamentos, desafetos e escravidões. Quanto maior a necessidade de condições exteriores favoráveis, maior a evidência de que ainda não somos livres.

A liberdade não é exterior, mas interior. Assim Santo Agostinho viveu esse drama: “Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora!” (*conf.* 10, 27, 38) Precisamos encontrar nosso centro unificador para chegar a dizer que, em todo momento e lugar, nossa vida só depende de Deus: “De ti, ó Deus, me vêm todos os bens, e do meu Deus toda a minha salvação” (*conf.* 1, 6, 7). Dessa maneira, nós nos situaremos bem ante os demais e ante o mundo, canalizando todas as nossas experiências vividas e “arraigados no núcleo interior que nos identifica”. Assim, estaremos “no mundo”, sem “ser do mundo”.

Analise uma oração do sétimo livro das *Confissões*, que nos ajudará a entender mais essa trajetória vital de Agostinho e sua necessidade de mudança, de conversão, de renovação no Senhor. Na Verdade de Deus, em Sua Caridade e Eternidade, encontra Agostinho a própria identidade como homem novo, homem revitalizado:

Ó eterna verdade, verdadeira caridade e querida eternidade! És o meu Deus, por ti suspiro dia e noite. Desde que te conheci, tu me elevaste para me fazer ver que havia algo para ser visto, mas que eu era incapaz de ver. Atingiste minha vista enferma com a tua irradiação fulgurante, e eu tremi de amor e de temor. Percebi que estava longe de ti, numa região desconhecida, e parecia-me ouvir tua voz do alto: “Eu sou o pão dos fortes: cresce, e de mim te alimentarás. Não me transformarás em ti, como fazes com o alimento do corpo, mas te transformarás em mim” (*conf.* 7, 10, 16).

Quanto à estrutura do texto, digamos o seguinte:

1. Observa-se uma introdução-prólogo com a exclamação: “Ó eterna verdade, verdadeira caridade e querida eternidade!” – centrada nos três pilares da doutrina e da espiritualidade de Santo Agostinho.
2. Uma afirmação central ou eixo estruturador que guia toda a oração: “És o meu Deus”.
3. Um segundo núcleo ambientado na metáfora da itinerância do caminho agostiniano. É o percurso da vida de Agostinho, que abarca: o anelo do homem (‘por ti suspiro’), a guia providente no caminho (‘tu me elevaste’), a dificuldade para ver o que Deus quer ensinar-nos, razão pela qual temos necessidade de um processo (‘eu era incapaz de ver’), a ação de Deus sobre ele e a descoberta da debilidade humana (‘atingiste minha vista enferma’), as consequências da ação de Deus (‘amor e temor’) e da distância em que vivia com relação a Ele (‘terra desconhecida’).

4. Um terceiro núcleo, em que se ouve a voz de Deus: “Eu sou o pão dos fortes: cresce, e de mim te alimentarás... mas te transformarás em mim”.

Se prestarmos atenção nos verbos, perceberemos o seguinte:

1. Há um total de vinte e dois no original. Todos indicam diálogo e ação. Deus fala ao homem e age nele. O homem responde. Destaca-se, em posição e importância, o verbo “conhecer”. Está no passado, como todos os que se referem à ação de Agostinho: “percebi..., tremi...”. A lembrança, a memória de Deus, é vivida no presente, mas se centra num encontro e numa experiência.
2. Os verbos referidos a Deus estão no presente: “és”, “sou”... Em parte posterior da oração, Deus dirá ainda: “sou Aquele que sou”.
3. Todos os verbos fazem referência aos diversos sentidos do homem: suspirar (olfato), conhecer, ver (visão), atingir, tremer, perceber, estar (tato), ouvir (audição), comer (paladar)... Estão a indicar que Deus é o criador do homem, bem como o dono de seu ser e de seus sentidos. A todos eles fala, a todos Se dirige, como que convocando-os à integridade e à unidade do homem em Deus.
4. Toda a ação de Deus, na experiência de Agostinho, encaminha-se ao convite final, resumido em três verbos: “cresce”, “alimentarás”, “transformarás (duas vezes)”. A insistência nesta repetição orienta-se à transformação em Deus. É um movimento progressivo de baixo para cima (“cresce”) e de dentro para fora (“transformarás”). Como elemento de conexão, tem-se a necessidade de alimentar-se (“alimentarás”).

Seja-nos permitido ainda um breve comentário a essa oração, que bem poderia intitular-se: ‘Mudar no Senhor para crescer, para revitalizar-se’. Põe-se de manifesto na oração a constante itinerância do homem para Deus, como criatura Sua: “*fecisti nos ad Te*”. Igualmente, o processo ascendente do homem em Deus: “Cresce, e te alimentarás”. Os sentidos e experiências internas manifestam, por um lado, a contínua ação de Deus no homem e, por outro, a necessidade que este tem de continuar crescendo a partir do interior: “E ouvi como se ouve no coração”. Para isso, o caminho de crescimento, de revitalização, de planificação, consiste precisamente em sair de nós mesmos, em buscar o alimento que Deus nos quer dar (o pão dos fortes), e transformar-nos n’Ele. Em suma, só Deus nos alimenta, só Ele nos faz crescer, nos transforma, revitaliza e plenifica: “não me transformarás em ti”, “mas te transformarás em mim”.

III. A CONVERSÃO, CHAVE EXISTENCIAL DO HOMEM NOVO

“Só se reconhece o pecado quando a misericórdia o venceu”. Eis o percurso do coração convertido de Agostinho, que passa de ser um “desconhecido” a ser alguém encontrado por Deus, a dar-Lhe graças e a pedir perdão por esta experiência transformadora. Assim ele narra em todas as páginas de suas *Confissões*. Responder ao chamado que Deus nos faz a viver na unidade e na liberdade interior, à felicidade e à paz verdadeira em Jesus, não é uma conquista pessoal, mas um fruto da acolhida da graça de Deus. À luz da realidade e da santidade de Deus, o homem pode contemplar sua realidade antropológica, e não de outra maneira. A santidade, a grandeza e a beleza de Deus são as que levam o homem a contemplar-se a si mesmo no erro e a ver-se necessitado de mudança e de conversão: “Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde demais eu te amei” (*conf.* 10, 27, 38).

Quando existe capacidade de mudança numa pessoa, quando existe capacidade de conversão, há um itinerário vocacional esperançoso pela frente. Em Lc 5, 33-39, Jesus diz aos escribas e fariseus que é tempo de festa: “Vinho novo em odres novos” (cf. Mc 2, 22). O chamado à mudança é mais que justificado. O Papa Francisco, comentando essa passagem evangélica, dizia na capela da Casa Santa Marta, que não devemos ter medo de mudar as coisas segundo a lei do Evangelho, porque aqui há algo antiquado e algo que se renova, que se faz novo:

A Igreja pede a todos nós algumas mudanças. Pede que ponhamos de lado as estruturas caducas: não servem! E que procuremos odres novos, os do Evangelho... nos mandamentos que vêm das bem-aventuranças: aqueles mandamentos da lei renovada pela novidade do Evangelho³.

Não pretendamos que as coisas mudem se sempre estivermos a fazer as mesmas coisas, é o que nos diria um cientista clássico, Albert Einstein. Jesus é o mesmo “ontem, hoje e sempre” (Hb 13, 8), mas não da mesma maneira. Igualmente, nós tampouco somos como sempre. A adesão a Cristo suporá, é claro, que nos deixemos evangelizar continuamente, para viver também na “evangelização permanente”, na conversão, na revitalização constante. Entendo que só assim o nosso ser cristão e religioso estará aberto e preparado para incorporar a novidade evangélica na revitalização pessoal, comunitária e pastoral nas coordenadas carismáticas de hoje. Assim o fundamenta Luis Nos, citando González Faus:

Jesus Cristo é o mesmo (sempre), mas não a mesma realidade, contando com o valor agregado de que todo cristão constitui uma vertente autêntica e inovadora do Cristo total. Este enfoque elimina toda batalha sobre a Evangelização, que forçosamente há de ser nova e velha, porque o fato cristão é herança e renovação constante. Do contrário, nem Jesus seria Deus e Homem, nem o homem e a mulher seriam pessoas a evangelizar no tempo em que lhes cabe viver.

³ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2014/documents/papa-francesco-cotidie_20140905.html.

Cada tempo, cada época, cada homem, tem sua maneira de acolher o recebido. O clássico aforismo latino nos recordava: “*Quidquid recipitur ad modum recipientis recipitur*”. Tudo o que se recebe, é recebido segundo a medida daquele que o recebe. Aí não se encerra, porém, toda a verdade. Ela ‘nos tem’ a todos. Contamos com a graça de Deus, que transforma nossos recipientes, frágeis e pequenos, em homens capazes de albergar o maior dos tesouros: a grandeza de Deus e Seu amor incomensurável. Desse modo, todas as coisas serão possíveis. Quanto maior o alargamento de nosso desejo, maiores serão os dons recebidos.

Santo Agostinho ensina-nos que o desejo é oração e caminho certo para o crescimento. O homem se unifica, ou se dispersa, pelo cúmulo de desejos que sente e manifesta. Em seus escritos reflete a insatisfação e o vazio, por um lado, e a força para novas conquistas, por outro:

Nisto consiste a nossa vida: exercitar-nos desejando. Ora, um santo desejo nos moverá à medida que nos desapegarmos dos desejos do amor do mundo (*ep. lo. tr. 4, 6*).

Daí que nos possamos perguntar: Como vivo meu processo de conversão? Estou disposto a mudar? Santo Agostinho recorda que a vida inteira é conversão. No fim da sua, pediu que se afixassem os salmos penitenciais nas paredes de sua cela para poder rezá-los (cf. *vita 31, 2*). Viver a revitalização em perspectiva de IFAR (*Itinerário Formativo Agostiniano Recoleta*), como hoje nós, agostinianos recoletos, chamamos nossa peregrinação para Deus, em chave carismática, significa viver, na profundidade do coração, todas as realidades e etapas de nossa vida.

As conversões de Santo Agostinho

Retomando a ideia de processo, é bem conhecido o relato da conversão de Agostinho segundo as suas *Confissões*. Muitos estudiosos explicam que tal processo de conversão não foi pontual, mas sim o fruto de várias conversões ao longo de sua vida. Seguindo o Papa Bento XVI⁴, citamos as três que ele menciona, como sendo uma só: a grande conversão.

a) Santo Agostinho foi um pesquisador apaixonado da Verdade

Santo Agostinho é o grande pesquisador da Verdade. Desde o início de sua vida, pelos ensinamentos de Santa Mônica, Agostinho mama o nome de Cristo. A leitura do *Hortênsio* de Cícero fá-lo levantar voos e aspirar a bens maiores. A filosofia platônica aproxima-o mais de Cristo, ao levá-lo a descobrir a existência do *Logos*, a razão criadora. Os livros dos filósofos lhe dizem que existe a razão, da qual o mundo todo procede; mas não lhe dizem como alcançar esse *Logos*, que parecia tão distante. Só a Palavra de Deus, com São Paulo (cf. Rm 13, 13-14),

⁴ cf. *Audiência geral da quarta-feira 27 de fevereiro de 2008*: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080227.html.

escutada na fé da Igreja Católica, revelou-lhe plenamente a Verdade. O encontro com Cristo transforma seu coração: “Tinhas convertido a ti o meu ser” (*conf.* 8, 12, 30).

A Verdade ‘nos tem’, somos partícipes da Verdade que Se nos revelou em Jesus. Às vezes, em nossos diálogos comunitários, enfatizamos que temos mais razão que outros irmãos. O problema, porém, consiste em discernir qual verdade buscamos e desejamos conhecer. A Verdade nunca é conhecida na totalidade, cada encontro verdadeiro leva-nos a desejá-la e a buscá-la com mais afinco.

Aristóteles dizia que a única verdade é a realidade, mas nem sempre a única Verdade coincide com a realidade. Por vezes, a norma, o que se leva adiante, o que se tem feito... erige-se em critério de verdade, privando-nos do deslumbramento e da transformação por que deve passar a nossa realidade pessoal, comunitária, contextual... pela única Verdade que sempre deveria ser escutada com humildade:

Tu, a Verdade, reinas em toda parte sobre todos aqueles que te consultam, e respondes ao mesmo tempo a todas as consultas diversas que te são apresentadas. Respondes com clareza, mas nem todos entendem claramente. Todos te consultam sobre o que querem, mas nem todos ouvem sempre o que querem (*conf.* 10, 26, 37).

b) A conversão de compreender que se chega aos demais com simplicidade e humildade

Comenta Bento XVI:

Agora era chamado a viver totalmente pela verdade, com a verdade, na amizade de Cristo que é a verdade. Um sonho agradável que durou três anos, até quando foi consagrado sacerdote, a seu mau grado, em Hipona e destinado a servir os fiéis, continuando a viver com Cristo e por Cristo, mas ao serviço de todos. Isto era para ele muito difícil, mas compreendeu desde o início que só vivendo para os outros, e não simplesmente para a sua contemplação particular, podia realmente viver com Cristo e por Cristo.

A aceitação da vontade do Deus Providente levou-o a reorientar suas prioridades, seus desejos e projetos mais nobres, em benefício do Reino de Deus, que lheurgia no imediatismo das necessidades de seu povo. Deus nele e Deus nos demais. Deus continua a obrar, ao mesmo tempo em que o chama e nos chama ao oferecimento de nossa própria vida. Santo Agostinho o reflete bem em seus escritos: “Continuamente pregar, discutir, repreender, edificar, estar à disposição de todos é uma grande tarefa, um grande peso, uma enorme fadiga” (*s.* 339, 4).

c) Uma terceira conversão: a que o levou a pedir perdão a Deus, a cada dia de sua vida

Ensina ainda Bento XVI:

Inicialmente tinha pensado que quando fosse batizado, na vida de comunhão com Cristo, nos Sacramentos, na celebração da Eucaristia, teria alcançado a vida proposta pelo Sermão da montanha: a perfeição doada no batismo e reconfirmada na Eucaristia. Na última parte da sua vida, compreendeu que o que tinha dito nas suas primeiras pregações sobre o Sermão da montanha isto é, que agora nós como cristãos vivemos este ideal permanentemente era

errado. Só Cristo realiza verdadeira e completamente o Sermão da montanha. Nós temos sempre necessidade de ser lavados por Cristo, que nos lava os pés, e por Ele renovados. Temos necessidade de uma conversão permanente. Até ao fim temos necessidade desta humildade que reconhece que somos pecadores a caminho, enquanto o Senhor nos dá a mão definitivamente e nos introduz na vida eterna. Agostinho faleceu com esta última atitude de humildade, vivida dia após dia.

Santo Agostinho descobre com humildade, em sua vida e em sua obra, que cada dia caminhado em direção à perfeição é mais um passo para reconhecer os nossos pecados e agradecer pelo amor e pela misericórdia do Senhor:

Compreendi que um só é verdadeiramente perfeito e que as palavras do Sermão da montanha estão totalmente realizadas num só: no próprio Jesus Cristo. Toda a Igreja, ao contrário — todos nós, inclusive os Apóstolos —, devemos rezar todos os dias: ‘Perdoai-nos os nossos pecados, assim como nós os perdoamos a quem nos tem ofendido’ (*retr.* I, 19, 1-3).

Viver nossa vida em perspectiva de conversão permanente, à luz das conversões de Agostinho, fará com que descubramos que os “caminhos do Senhor não são os nossos” (Is 55, 8). Fazer de Seu caminho o nosso caminho: eis um contínuo convite à revitalização que valoriza o discernimento, o acompanhamento, a aceitação da itinerância e a necessidade interior que temos de impregnar-nos da realidade salvífica que Deus nos ofereceu em Jesus. Nisto consiste a sabedoria: em deixar-nos transformar pela realidade da fé, pela realidade de Deus.



Tu, a Verdade, reinas em toda parte sobre todos aqueles que te consultam, e respondes ao mesmo tempo a todas as consultas diversas que te são apresentadas. Respondes com clareza, mas nem todos entendem claramente.

IV. AS IDADES DO HOMEM E AS IDADES ESPIRITUAIS: ITINERÁRIO DE REVITALIZAÇÃO PERMANENTE

Santo Agostinho, em seu *Comentário ao Gênesis contra os maniqueus*, escrito para defender o texto sagrado das críticas dos seguidores da seita de Manes (388-389), mostra-nos um esquema sobre as idades espirituais do homem, que se sugerem, de alguma forma, nas cartas paulinas e se inspiram nos dias da criação. Achamos a descrição mais completa de ditas idades na obra *A verdadeira religião* (390). Essas idades seriam próprias do homem novo, que renasce do Espírito e submete-se às leis divinas, até sua completa renovação depois da morte.

G. Wills põe de manifesto, na estrutura das *Confissões*, que Agostinho utilizava esse esquema patrístico e cristão da vida humana para comparar as idades do homem com os dias da criação e com as eras da história. As idades seriam seis, e cada uma teria relação com os outros elementos correspondentes às outras duas séries aqui aludidas. Esquemáticamente, teríamos:

Idades do homem	Criação	História
1. Infância (pré-verbal)	Luz	De Adão a Noé
2. Pueritia (verbal)	Céu e terra	De Noé a Abraão
3. Adulescentia (15-30)	Vegetação	De Abraão a Davi
4. Juventus (30-45)	Astros	De Davi à Babilônia
5. Maturitas (45-60)	Peixes/aves	Da Babilônia a Cristo
6. Senectus (60-)	Animais/homem	De Cristo até o final

Por sua vez, Ángel C. Vega, na mesma linha, diz que, segundo Santo Agostinho e os antigos, a vida se divide em sete épocas ou idades: infância (0-7 anos); meninice (7-14); adolescência (14-28); juventude (28-50); virilidade (50-60); velhice ou senectude (60-80); decrepitude (80 até a morte).

Em ambos os esquemas se observa que a distribuição das etapas é praticamente a mesma, exceto pela extensão de cada uma. Acrescenta este último autor que Santo Isidoro de Sevilha difundiu essa divisão pela Europa medieval, e que Santo Tomás dela se serviu como de argumento de congruência para justificar o número setenário dos sacramentos. Por outro lado, José Cosgaya, em sua versão das *Confissões*, segue o mesmo esquema.

Não pretendo aqui desenvolver cada uma dessas etapas da vida de Agostinho nem explicar sua inter-relação, limito-me, porém, a extrair algumas conclusões

que, a meu ver, podem deduzir-se do que Agostinho vai descobrindo em sua experiência vital e em sua conversão, e que pretende transmitir a seus leitores em seu itinerário de crescimento e encontro com Deus:

1. As idades do homem e da humanidade mostram-nos um caminho que o homem percorre, nem sempre levado pela mão de Deus. Deus, todavia, em Seu plano salvífico, faz com que o homem inicie uma nova peregrinação com a certeza de que Cristo já está fazendo “novas todas as coisas”. De frente para trás, Jesus percorre como novo Adão a história da humanidade. Uma história de regeneração e de restauração que engendra a nova vida:

Com a sua genealogia – ao contrário de S. Mateus –, S. Lucas, partindo de Jesus, regride para a história passada; Abraão e Davi aparecem sem relevo especial; a genealogia regride até Adão e, conseqüentemente, até a criação, e então ao nome de Adão S. Lucas acrescenta o de Deus. É assim evidenciada a missão universal de Jesus: Ele é filho de Adão, Filho do Homem. Através da Sua humanidade, todos nós pertencemos a Ele, e Ele a nós; n’Ele a humanidade recomeça e n’Ele chega ao seu fim⁵.

2. Sempre que há crescimento, há ruptura e morte para que possa surgir a nova vida. Quando existe a dor com significado, essa experiência é libertadora e redentora. O contrário nos leva à ansiedade e ao desassossego. ‘O coração está inquieto’ (*conf.* 1, 1, 1).
3. No afã de tomar consciência, de manter e oferecer a vida toda como dom e peregrinação a Deus, Santo Agostinho se pergunta se teria existido outra etapa de sua vida que precedesse a infância. Em forma de petição, pergunta a Deus para que lho diga: “Onde foi, eu te suplico, meu Deus, onde foi, meu Senhor, eu teu servo, onde e quando foi que estive inocente?” (*conf.* 1, 7, 12) O interesse que suscita em Santo Agostinho o início de seus dias é determinado por seu desejo de refletir sobre sua história e de pô-la inteiramente nas mãos de Deus. Converter-se é entregar-se em totalidade (passado, presente e futuro) ao Deus criador, para que leve a bom termo toda a sua obra. Deus é quem sempre lhe susteve a vida, quem mantém seus passos e Aquele a quem ele deseja aproximar-se para louvar continuamente. O salmo 70(71) recolhe essa grande aspiração de Agostinho como homem que, já iniciado nas lides da vida, quer repensá-la conforme a óptica de Deus: “Pois minha esperança és tu, Senhor, Iahweh é minha confiança desde a juventude. Desde o seio tu és o meu apoio, tu és minha parte desde as entranhas maternas, em ti está continuamente o meu louvor!” (Sl 70[71],5-6)
4. Tudo o que somos, fomos, mas não somos o que seremos. Nesta peregrinação para a Nova Jerusalém, há algo estrutural que permanece e

⁵ J. Ratzinger/Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, Planeta, São Paulo 2007, 28.

algo mutável que estrutura. Há continuidade, mas, ao mesmo tempo, também descontinuidade no crescimento espiritual. Bem o exprime aquela oração que rezamos com frequência: “Vede, Senhor, como sou e fazei-me como Vós quereis que eu seja”. Há uma busca contínua de plasmar a imagem de Deus em nós. A conversão passa por deixar a ‘dessemelhança’ e viver em ‘semelhança’: “Da infância, caminhando para o ponto onde estou, passei à meninice, ou melhor, ela chegou a mim em seguimento à infância. Esta não se afastou: para onde poderia ir? No entanto, não mais existia. De fato, eu não era mais uma criança incapaz de falar, e sim um menino muito conversador” (*conf.* 1, 8, 13).

5. O desejo leva-nos a aspirar a um bem maior, já impresso em nosso interior, mas não em plenitude. Por isso, aspiramos sempre a mais: mais crescimento, mais felicidade, mais paz, mais vida, mais fé: “Tu, que nunca abandonas as obras começadas, completa o que em mim há de imperfeito” (*conf.* 10, 4, 5). A revitalização é, em suma, uma renovação permanente em obediência a Deus que faz crescer a fé e doa vida a quem humildemente a pede. Comenta-o Santo Agostinho, ao falar-nos da fé inicial e da fé adulta, a propósito dos discípulos que creem, mas que pedem a Jesus que lhes aumente a fé: “Tendo já começado, por certo, a viver, quem crê suplica a obediência. Não reclama um prêmio por ter conservado a fé, mas implora ajuda para conservá-la. Com efeito, quem se renova de dia para dia, sendo-lhe a vida acrescentada, passará a viver no dia que não acaba” (*en. Ps.* 118, 7, 3).
6. A mão providente de Deus conduz e guia ao Bem Supremo, que é Ele. Encontramos firmeza quando O buscamos e n’Ele permanecemos; debilidade, porém, quando permanecemos em nós:

Senhor nosso Deus, faze que sejamos cheios de esperança à sombra de tuas asas, e dá-nos proteção e apoio. Tu nos sustentarás desde pequenos e até o tempo dos cabelos brancos, pois a nossa firmeza é firmeza quando se apoia em ti, mas é fraqueza quando se apoia em nós. Vive sempre junto a ti o nosso bem, e nos tornamos perversos quando nos afastamos de ti (*conf.* 4, 16, 31).
7. A paz é o dom da presença viva de Deus em nosso coração. É fruto do louvor a Deus, da comunhão com Deus e com os irmãos. O descanso é paz quando deixamos que Deus faça em nós a Sua obra: “até descansar em Ti” (*conf.* 1, 1, 1).
8. Não há caminho sem meta. Desejar chegar aonde Deus nos quer levar é fazer caminho. Só caminha quem não está parado; mas é mais importante caminhar coxo no caminho, como diz Agostinho, do que ir muito rápido fora dele. Em tal caso, jamais chegaríamos à meta: “Corrias, certamente,

fora do caminho. Perdias o rumo, em vez de visares à meta” (*ep. Io. tr.* 10, 1).

9. A correspondência das idades do homem com os dias da criação e as idades da humanidade manifesta um todo refletido na unidade da criação e nos dons do Espírito, dados por Cristo para o progresso de Seu Corpo, que é a Igreja, até que todos nós sejamos um só em Cristo, pela caridade: “E todos esses dons são como estrelas. Mas, ‘isso tudo é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os Seus dons, conforme Lhe apraz’(1Cor 12, 11), fazendo aparecer tais astros ‘para utilidade de todos’ (*id.* 7)” (*conf.* 13, 18, 23).

V. VALORES DE NOSSO ‘SER REVITALIZADO’: VIVER NA GRATUIDADE DE DEUS

Por isso, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais levados ao pleno conhecimento da vontade de Deus, com toda a sabedoria e discernimento espiritual. Assim andareis de maneira digna do Senhor, fazendo tudo o que é do Seu agrado, dando frutos em boas obras e crescendo no conhecimento de Deus, animados de eficaz energia segundo o poder da Sua glória, para toda constância e longanimidade, com alegria dando graças ao Pai, que vos fez capazes de participar da herança dos santos na luz (Cl 1, 9-12).

São Paulo nos recorda, na carta aos Colossenses, que os desafios da fé dão lugar a uma progressão do pensamento cristão. Aprofundar em nossa fé nos fará vivê-la, celebrá-la, transmiti-la, em odres novos, sendo conscientes de que nosso conhecimento será sempre inferior ao que a Revelação nos proporciona em Jesus, cujo conhecimento engloba todo conhecimento, o do mistério que Ele nos deu a conhecer.

Cristo enche com Seu dinamismo a criação inteira. Vivifica-a e lhe dá sentido. Ressuscitado dentre os mortos, é Cabeça da Igreja e dá origem à nova criação. Em Jesus, Deus realiza a plenitude de Sua obra. Por Ele, esta encontra a unidade. N’Ele está o fundamento da reconciliação e da paz.

A iniciativa sempre é de Deus. Você e eu somos, porém, livres, para querer ou não o que Deus nos propõe. Nossa liberdade é condicionada e precisa ser reconquistada, libertada por meio da graça de Deus. Nessa reconquista, podemos incorporar atitudes e valores em nosso interior, que nos possibilitem viver de outra maneira.

1. Atitude de busca como prioridade

Santo Agostinho é o grande buscador da Verdade. Apaixonado por ela, nunca desistiu em sua luta por encontrá-la. Melhor, não cessou de amá-la, em seu

coração, sobre todas as coisas, nem de deixar-se alcançar por ela, na exclusividade. Em linguagem agostiniana, podemos dizer que todos nós buscamos, não há quem não busque. Mas agora vem a pergunta: o que buscamos? Onde buscamos? A permanência na busca garantir-nos-á um caminho de saída dos nossos conhecimentos e critérios, uma necessidade de discernimento, uma vinculação e aderência a toda semente de verdade que existe em nosso mundo, um desejo de buscar em comunhão a verdade, e por que não, uma transformação profunda da nossa realidade mais interior através da Palavra, que é sempre Boa Notícia.

Considerai bem Aquele a quem dizeis, se é que o dizeis, se o dizeis sinceramente: ‘a Ti disse o meu coração: tua face buscarei’. Diga-o também o teu coração, e acrescente: ‘a tua face, Senhor, hei de buscar’. Buscas bem, de fato, se buscas de coração (s. 53, 7, 7).

2. A inquietude do coração

O salmo 43(44) provoca as súplicas do homem em meio a calamidades: “Levanta-te! Socorre-nos! Resgata-nos, por causa do teu amor!” (Sl 43[44], 27). O Senhor é o único que conhece os segredos do coração. Nele foi marcada a tendência ao infinito, a Deus. O rio busca, continuamente, fundir-se ao mar. Em seu trajeto por meandros e montanhas, somam-se-lhe impurezas e aderências que tornam não apenas mais pesado o seu lento deslizamento, mas também menos cristalina e potável a sua água. Só em terreno firme e em união com o vasto mar é que seu caudal cresce e suas impurezas desaparecem. Assim, o homem, convocado à plenitude por seu Criador, percorre caminhos e regiões escabrosas ao longo da vida, entre fragilidades, lutas, derrotas e vitórias, no desejo de converter seu potencial vital, em perfeita harmonia e paz com Deus que o criou.

Compreende-se, pois, que, na boca de Agostinho e em perspectiva de conversão, se exponha sua experiência de peregrinação interior (o coração) ao mesmo tempo em que se demonstra seu interesse por compartilhar com outros esse caminho (o homem de todos os tempos). Quer suscitar em quantos buscam e peregrinam o desejo inquietante de encontrar, com afã e prontidão, seu consolo e descanso em Deus: “Deus é descanso do justo” (cf. Sl 61[62], 2).

O homem não é produto do azar, nem consequência de um devir evolutivo sem qualquer finalidade. Em alusão ao salmo 99(100), 3: “Ele nos fez e somos Seus”, Agostinho se pergunta:

Alguém pode ser autor de sua própria criação? E de onde pode surgir em nós a fonte do ser e da vida, senão de ti, Senhor, para quem existir e viver não são realidades distintas? (conf. 1, 6, 10)

O homem foi criado por Deus, como fruto de Seu imenso amor e de um projeto de salvação. Se o início do homem está no pensamento e no desejo amoroso de Deus (passado), seu contínuo peregrinar pela terra é acompanhado e orientado a um fim: seu desejo de eternidade e de felicidade plena (presente). ‘Todo amor é desejo’, dirá Agostinho. Demonstra-o aquilo que há de mais essencial e nobre no

homem, o seu coração, selado à imagem de Deus. A sabedoria do coração nos mostra a palpável continuidade e necessidade do ser humano: amar e ser amado.

Santo Agostinho harmoniza todas as aspirações sob a expectativa do amor cristão, que ele chama *caritas*. Único capaz de dar-lhe resposta. Conhecer bem o significado de Deus Criador e Redentor é compreender que as aspirações do homem e de Deus não são irreconciliáveis (*eros-agape*). O equilíbrio titubeante do “estar inquieto” expressa a necessidade de encontrar a plenitude, a felicidade urgente, máxima aspiração da existência humana. Deus, mestre interior, estimulará e acrescentará essa inquietude com “estímulos interiores” até que seja alcançada a Verdade. A plenitude e a felicidade não se encontram na criação, mas ao saborear e pertencer ao Amor que a produz e do qual ela participa. Não é possível distanciar-se tanto de Deus como para apartar-se absolutamente d’Ele. Tudo que é contemplado em sua profundidade remete-nos a Deus: “Não há para onde nos possamos afastar totalmente de ti” (*conf.* 2, 6, 14).

Nessa peregrinação interior, de ascensão e conversão contínua, há um ponto final: o repouso e descanso definitivo em Deus (futuro). Procede-se do mais exterior ao mais interior. Mas, descansar de quê? Por que descansar? O descanso não será ausência de trabalho, de infortúnios, de desgostos (ainda que também o seja), mas algo mais profundo. Será chegar àquela harmonia, equilíbrio perfeito entre Deus e toda Sua obra criada. O descanso será o fim da busca. Se todo movimento tende a parar, todo caminhante tende também a chegar à sua meta. Deus será tudo no homem, sendo este a unidade completa e o fiel reflexo da obra criadora de Deus: Sua imagem e semelhança.

3. A interioridade como fundamento da busca do agostiniano recoleto

A interioridade no processo pelo qual o homem retorna a seu interior para ver-se imagem de Deus, não é introspecção, é ir além de si para aderir-se a Deus, para ser o que se é. A interioridade sempre diz “relação a outro”. Conhecer-nos é conhecer a Deus. Captar essa relação do homem com Deus, isso é a interioridade. Somos feitos para Deus, de modo que, quando nos separamos de Deus, perdemos nossa identidade. A busca da Verdade (Deus) passa pelo conhecimento de si mesmo: “Entreí no íntimo do meu coração sob a tua guia” (*conf.* 7, 10, 16).

A experiência de Agostinho nos recorda que, dentro de nós, sentimos uma atração para o alto. É ver todas as criaturas a partir do Ser de Deus, que foi experimentado. Todos os seres são na medida em que dependem de Deus, são em relação a Deus: “Existem, pois provêm de ti” (*conf.* 7, 11, 17). Não se pode permanecer na contemplação como fruto de uma busca pessoal e autossuficiente. Necessitamos de humildade, de ação de graças e de louvor para que, em Cristo, possamos continuar buscando a Deus e gozando d’Ele:

Eu estava certo de tudo isso, mas era ainda muito fraco para saber gozar de ti. Eu tagarelava como se fosse competente, mas, se não tivesse procurado o teu caminho em Cristo nosso salvador, não teria sido perito, e sim teria perecido. Interiormente cheio do meu castigo, comecei a desejar que me considerassem como sábio. Eu não chorava: ao contrário, estava orgulhoso da minha ciência. Onde estava aquela caridade que edifica quando fundada sobre a humildade, isto é, sobre Jesus Cristo? (*conf.* 7, 20, 26)

Nosso mundo globalizado, através das novas tecnologias, presume de relações em todos os níveis. Travamos relações com quem está bem distante de nós, mas perdemos a relação com quem está mais próximo, de quem nos distanciamos. Existe um esvaziamento nosso ao exterior, sem que antes nos tenhamos preenchido. Não há acolhida fraterna do outro (horizontalidade) porque não tenho “relação a” (verticalidade). Existe menos fraternidade quando há menos filiação. Nosso carisma nos centra nessa realidade vertical de filiação, para aceitar e querer o outro como irmão em relação de amizade. Esta amizade, que o agostiniano recoleto está chamado a viver, é o rosto amável da fraternidade.

O agostiniano recoleto é, por natureza carismática, pedagogo de interioridade. Iluminado pela experiência da conversão de Santo Agostinho e pela entrega e vida de tantos irmãos que viveram o carisma da Recoleção, somos chamados à busca contínua da Verdade em nosso interior comunitário (não há busca sem “relação a”...), a partir da humildade e da ação de graças. Desde a nossa experiência carismática, Deus nos chama a acompanhar outros para que, partindo de sua realidade pessoal, possamos enveredar na busca da Verdade, da qual participamos todos. Não podemos entrar em nosso interior sem a graça de Deus, que possibilita nos deixemos guiar por Cristo para buscar o gáudio e a perfeição no amor que Ele é. Nossas *Constituições* o dizem, no número 11:

A especial vocação do agostiniano recoleto é a contínua conversação com Cristo, e seu cuidado principal é atender ao que mais perto o puder inflamar em Seu amor. O homem, pela soberba, afasta-se de Deus; cai em si mesmo e afasta-se das criaturas, dissipando-se na dispersão das coisas temporais. Só com a ajuda de Cristo, através da purificação pela humildade, pode o homem recolher-se e entrar outra vez em si mesmo, onde começa a buscar os valores eternos, reencontra a Cristo e reconhece os irmãos. Esta é a interiorização transcendida agostiniana, princípio de toda piedade. Este é o recolhimento ou recoleção da *Forma de viver*, caminho que leva diretamente à contemplação, à comunidade e ao apostolado.

4. O amor como princípio e fim de tudo o que fazemos: elevação e contemplação ativa

A melhor definição do homem está na Bíblia: o homem é filho de Deus. E a melhor definição de Deus está também na Bíblia: Deus é Amor (cf. 1Jo 4, 8). O amor tem características, das quais destaco três: 1) A eternidade. Deus nos amou desde sempre e para sempre. Amou-nos, ama-nos e nos amará. O verdadeiro amor ama sempre. 2) A totalidade. Não se ama por partes, por aspectos ou circunstâncias. Ame pelo que você é e como é. 3) A plenitude. No amor, são satisfeitas todas as necessidades mais vitais. No amor, pode-se descansar.

Santo Agostinho considera quase exatamente sinônimos os vocábulos: amor, caridade e dileção, mesmo quando os dois últimos termos mais se usem em sentido positivo, do que negativo. Mais ainda, ele usa essas palavras em sentido tanto humano como religioso. Desde o ponto de vista puramente psicológico, o amor tem, para Agostinho, uma enorme importância: o amor é o motor da vida, a força que faz viver e agir. Veja-se essa ideia nos seguintes textos:

Empreendi considerar com vossa caridade, por ordem, os cânticos do que sobe; do que sobe e do que ama; do que sobe, porque ama. Todo amor ou sobe, ou desce. Pelo bom desejo, de fato, somos elevados a Deus e pelo mau, somos precipitados no abismo (*en. Ps.* 122, 1).

Amai e não ameis; amai algumas coisas e não ameis outras. Há, com efeito, coisas cujo amor é proveitoso e coisas cujo amor é um impedimento. Não ames um impedimento, se não quiseres encontrar um tormento. O que amas na terra é um impedimento (*s.* 311, 4, 4).

O amor não só impulsiona a agir, mas faz com que a ação seja livre. Uma coisa é certa, como declamara Virgílio em suas *Bucólicas*: “A cada qual seu prazer arrasta”, ao que acrescenta Agostinho:

...não a necessidade, mas o prazer; não a obrigação, mas o deleite —, com quanta maior força devemos dizer que é arrastado a Cristo o homem que se deleita na verdade, que se deleita na bem-aventurança, que se deleita na justiça, que se deleita na vida sempiterna, em tudo aquilo que Cristo é? (*Io. eu. tr.* 26, 4).

O amor é, enfim, uma força que cria unidade, como ele reconhece no tratado sobre a Trindade: “O que é, portanto, o amor, senão uma vida que enlaça dois seres, ou tenta enlaçar, a saber, o que ama e o que é amado?” (*trin.* 8, 10, 14).

Santo Agostinho compreende que no amor nos renovamos, sabe que é o caminho certo para viver em plenitude. Amar a Deus sobre todas as coisas é ter tudo o de que necessitamos para viver felizes e como Deus quer:

Ó meu Deus, tu te dás e te entregas a mim. Eu te amo. E, se ainda é pouco, faze que eu te ame ainda mais. Não posso medir para saber quanto me falta de amor, que seja suficiente para que a minha vida corra para os teus braços e daí não se afaste, até esconder-se no segredo de tua face. Uma só coisa reconheço: é que tudo me corre mal fora de ti, e não só à minha volta, mas em mim mesmo, e que toda a riqueza, que não seja o meu Deus, para mim é indigência” (*conf.* 13, 8, 9).

5. O descanso como aspiração e meta de nosso peregrinar por esta vida

Vossa infância seja a inocência; vossa meninice, a reverência; vossa adolescência, a paciência; vossa juventude, a coragem; vossa idade adulta, o mérito; e vossa senectude não seja senão o vosso entendimento venerável e sábio. Não é que tenhas de passar por todas essas etapas ou degraus da vida, mas deves renovar-te permanecendo na que estás. Pois, desse modo, a segunda etapa não entra para que morra a primeira, nem o nascimento da terceira virá a ser a morte da segunda, nem nascerá a quarta para que a terceira pereça, a quinta não terá inveja da quarta para tomar o seu lugar, e a sexta não sepultará a quinta. Embora essas idades não venham todas ao mesmo tempo, perseveram juntas e concordemente na alma piedosa e justa. Elas te levarão à sétima, isto é, ao descanso e à paz perpétua. Ainda que libertado por seis vezes, como lemos, das misérias da idade que conduz à morte, uma vez que tenhas chegado à sétima, já não te atingirão os males. O que não existe, já não te dará combate; não prevalecerá quem sequer ousará lutar. Lá haverá uma imortalidade segura, uma segurança imortal (*s.* 216, 8).

O descanso é uma das aspirações mais profundas e interiores do homem. Desejamos descansar do trabalho, repor as forças físicas. Precisamos descansar mentalmente e renovar-nos com o sono. Temos de descansar do agito e da preocupação acarretada pela responsabilidade de sermos homens livres, e de não sermos livres em plenitude. Precisamos, sobretudo, descansar da inquietude do coração; apaziguar e ordenar os desejos interiores, com o único afã de buscar a nossa identidade e de voltar a ela para encontrar a paz duradoura.

Esse descanso só é possível em Deus. As coisas criadas nos enganam, oprimem e oferecem um aparente descanso, mas sempre superficial e temporal: “Eu só olhava para as coisas situadas em certo lugar, sem achar aí um lugar para repousar” (*conf.* 7, 7, 11). O engano está presente também nas falsas doutrinas dos maniqueus, detrás dos quais a alma se encaminhou, desejando encontrar a verdade e o descanso, mas Agostinho o reconhece: tampouco aí encontrava repouso.

A confiança manifestada por Agostinho no descanso do dia sétimo fá-lo viver com esperança, sabendo que nenhuma luta será em vão para ganhar Aquele que já ganhou tudo para nós. Há um ponto de chegada, na libertação de toda escravidão, na vitória definitiva, no gozo perpétuo. Essa libertação, essa vitória e esse gáudio começam já aqui, hoje mesmo.

CONCLUSÃO

Considerar nossa vida em constante caminho de revitalização leva-nos a descobrir que, nesta vida, só podemos alcançar uma perfeição imperfeita. A inquietude que Deus pôs em nosso coração ao criar-nos é, contudo, um constante chamado a viver ‘a partir do essencial’ e de maneira revitalizada. O amor redentor que “foi derramado em nossos corações” (Rm 5, 5) é o grande tesouro que nunca deveríamos perder; antes, deveríamos acrescentá-lo com o passar dos anos e das idades da nossa vida.

Sejamos conscientes de que não é tão importante completar muitos anos (querer consumir etapas), como preencher os anos de vida (viver todas as idades espirituais com profundidade de coração e entrega). Então entenderemos que cada dia é uma oportunidade para viver com plena liberdade de coração a nossa relação com Deus e com os irmãos. Essa é a força do Espírito, “Senhor que dá a vida”, como confessamos no Credo, que nos impulsiona, com vitalidade sempre nova, a dar de graça o que recebemos, sem perdê-lo (cf. Mt 10, 8).

Isto é o que somos: imagem de Deus; e a isto somos convidados: a viver sempre nele para sermos plenos e felizes. Dessa maneira, a cada dia e em cada idade da nossa vida “seremos, conheceremos e amaremos” como Deus quer. Santo Agostinho abre-nos a porta e mostra-nos o caminho para “buscar, bater à porta e pedir” tudo o que nos falta: “Isto (a minha conversão) aconteceu no momento em que eu não queria mais aquilo que antes desejava, e queria aquilo que tu querias”

(*conf.* 9, 1, 1). Nisso consiste a verdadeira revitalização que nos dispõe a permanecer sempre em Deus, para permanecer em nós. Porque só Ele “permanece sempre o mesmo” (Hb 13, 8), “fazendo novas todas as coisas” (Ap 21, 5).

Fr. Rafael Jesús Morales Arco
Instituto de Espiritualidade e História
Buenos Aires – Argentina



ORDEM DOS AGOSTINIANOS RECOLETOS
INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE E HISTÓRIA